CONTRATAÇÃO EM ALTA

Entenda os motivos por que o setor supermercadista do Distrito Federal encontra na geração madura: estabilidade, empatia no atendimento e mentoria natural para os mais jovens

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Márcia Maria voltou ao mercado de trabalho como operadora de caixa

Valorização da **experiência**

» GABRIELA SANTOS*

Os supermercados e atacarejos do Distrito Federal, tradicionalmente vistos como porta de entrada de jovens no primeiro emprego, passam por uma mudança estratégica no perfil de suas equipes. Em busca de redução na rotatividade de pessoal e excelência no atendimento ao público, redes varejistas e atacadistas têm aberto espaço para trabalhadores com 50 anos ou mais.

Mais que uma política de diversidade e inclusão, a contratação desse setor é uma necessidade prática das lojas: menos rotatividade, mais paciência e bom atendimento na rotina intensa do varejo.

Trabalhar para não parar

Aos 59 anos, Wladmir Pinheiro sai diariamente da Candangolândia rumo ao Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) para trabalhar no açougue de uma rede atacadista. Há quase dois anos no cargo, não possui faltas no histórico, mesmo tendo perdido uma das filhas logo no início do contrato, período em que diz ter recebido acolhimento da empresa.

A determinação em se manter ativo tem raízes familiares. Seu pai foi servidor público por 44 anos no Palácio do Buriti e faleceu aos 63 anos, pouco tempo depois de se aposentar e interromper a rotina. "Ter uma atividade e compromissos diários é o que revigora o indivíduo", defende Wladmir. Antes do açougue, ele serviu à Aeronáutica, integrou a equipe de inauguração do primeiro McDonald's de Brasília (no ParkShopping, em 1987), trabalhou com transporte alternativo na Feira dos Importados, foi sacoleiro no Paraguai, supervisor de autopeças e manteve por 10 anos um carrinho de cachorro-quente no Núcleo Bandeirante, fechado após a pandemia.

A mesma filosofia move a mineira Márcia Maria da Silveira, natural de Patos de Minas. Ela trabalhou quase 18 anos como técnica de secretariado no Ministério das Comunicações e atuou como cuidadora de idosos. Aposentada, decidiu buscar uma vaga na Agência do Trabalhador e hoje opera um dos caixas do Atacadão em escala 6x1. "Acredito que os aposentados que podem, devem continuar trabalhando. Uma vez que você para, você morre", resume Márcia, que aponta as conversas e risadas com os clientes como a melhor parte do expediente.

A rotina, no entanto, exige fôlego. Moradora de Samambaia, onde divide um lote com a mãe de 85 anos, a irmã, sobrinhos, o filho e a nora, ela acorda cedo para cuidar da mãe, das galinhas e de sete cachorros resgatados antes de enfrentar duas conduções até o trabalho, e ainda lida com a escassez de ônibus no retorno noturno.

Minervino Júnior/CB/D.A Press



Wladmir, 59 anos, trabalha em um açougue de uma rede atacadista

Pedro Paulo Cardoso CB/DA Press



Placa de atacarejo em Águas Clara com vagas para aposentados

O olhar do setor

Para o presidente da Associação de Supermercados de Brasília (Asbra) e do Sindicato dos Supermercados do DF (Sindisuper-DF), Jair Prediger, o maior desafio hoje não é a resistência das empresas, e sim, encontrar candidatos dessa faixa etária disponíveis para as vagas.

Segundo ele, quando uma loja consegue contratar profissionais 50+ ou 60+, o ganho vai além do preencher a escala e aparece no atendimento e na permanência da equipe. "Essa mão de obra já vem com todo o aprendizado, tem sabedoria e mais paciência do que quem é mais jovem hoje. No geral, atendem bem e têm mais estabilidade, não saem logo do trabalho, reduzindo a rotatividade", afirma Prediger.

Além da retenção, Prediger destaca o efeito da convivência entre gerações, que, segundo ele, cria uma mentoria espontânea no chão de loja: "Eles acabam ensinando para o grupo mais jovem essa parte de paciência, de atender melhor. Essa mistura é sempre muito produtiva. Ele não está indo lá apenas trabalhar, está passando a experiência que tem para os outros".

***Estagiária sob a supervisão de Ana Sá**